

10. **Planear e desenvolver um plano de comunicação** para informar, formar e permitir a participação ativa e a colaboração de todos os cidadãos, sem que ninguém fique de fora ou excluído. Trata-se de ter os melhores e variados meios de comunicação que devem ser utilizados para chegar a todos.
11. **Encontrar e aplicar adequadamente as metodologias que favoreçam a mobilização social**, em cada momento variado do processo, possibilitando o encontro, o diálogo, a escuta ativa e propositiva de todos. Adaptáveis, didáticas, afáveis e que deem confiança aos vários atores para que sejam escutados e compreendidos a partir das suas realidades concretas.
12. **Devemos definir bem as Fases do Processo**, pois ao longo dele ouviremos a todos, juntos, iremos co-formando-nos e poderemos co-criar. Entre as diferentes etapas que veremos, destaca-se uma de natureza transversal, que consiste no lançamento de alguns projetos estratégicos, aos quais se acrescentarão outros, posteriormente. Isto permite-nos experimentar e aprender com a prática, para construirmos juntos o novo modelo educativo que responda às necessidades das pessoas.
13. **Criação da Mesa da Aliança**, que deve ser estabelecida nas primeiras etapas. É um lugar de encontro, de diálogo, de busca, de responsabilização e motivação mútuas, onde estão representados os setores educativos e sociais que se comprometem com esta aliança.
14. **Apelo à assinatura do Pacto para a Educação**. Uma vez que escutámos a todos e tenhamos alcançado o consenso nas soluções e nos objetivos que configurarão o novo modelo de educação, procederemos à assinatura, com a qual nos comprometemos a implementar o acordado e a implementá-lo conjuntamente nos anos seguintes.
15. **Indicadores que se devem ter em conta ao projetar, desenvolver e avaliar** este processo de realização do Projeto, o Pacto.

É necessário fincar as raízes no solo fértil e na própria história do lugar, que é um dom de Deus. Trabalhamos em pouco, no que está perto, mas com uma perspetiva mais ampla. [...] «Não é nem a uma esfera global que anula, nem a uma parcialidade isolada que esteriliza», é o poliedro, onde, ao mesmo tempo que cada um é respeitado no seu valor, «o todo é mais do que a parte, e também mais do que a mera soma das partes» (Ft, 145).



GLOBAL COMPACT
QN EDUCATION
Village for education

Diante deste PROCESSO de **construir juntos o Projeto de alcançar um Pacto Educativo "Glocal"**, devemos prestar muita atenção ao caminho a percorrer com os vários agentes e coletivos da cidade ou região.

Pelo caminho, encontramos-nos, dialogamos, partilhámos informação sobre o avanço e negociamos os passos seguintes, formamos-nos, decidimos juntos, contribuimos com os nossos talentos e esforços.
Estejamos atentos a alguns desafios ou perigos.

Ítaca [poema] (Konstantino Kavafis, 1911)
Quando empreendas a tua viagem a Ítaca pede que o caminho seja longo, cheio de aventuras, cheio de experiências. Não temas os Lestrigões nem os Cíclopes Nem o colérico Poseidon, jamais encontrarás tais seres em teu caminho, Se o teu pensamento for elevado, se seleccionares, és a emoção que toca o teu espírito, o teu corpo. ...

Em todas as abordagens comunitárias o PROCESSO, ou seja, a metodologia e o método, **é muito importante**. Em muitos projetos o processo é muito mais importante que o resultado. Espera-se, portanto, **que os PROCESSOS sejam respeitosos, que emancipem as populações, que curem e eduquem**.

ALGUNS RISCOS perante o Pacto para a Educação,

Inspirados nos estudos de Kotter (2007).

RISCOS de um Projeto (Kotter, 2007)	RISCOS perante o Projeto do PACTO EDUCATIVO GLOBAL (Elaboração própria)
Não há consciência de que seja urgente.	• <i>Alguns nem se interrogam, consideram-no desnecessário ou acham que não é urgente.</i>
Não se cria uma ligação poderosa que guie adequadamente.	• <i>Não se dispõe das pessoas e dos recursos necessários e capazes para dinamizar o processo desta aliança educativa.</i>
O programa carece de uma Abordagem clara.	• <i>Os cidadãos devem perceber o porquê e para quê do pacto. O Papa Francisco e a UNESCO propuseram alguns objetivos mínimos a alcançar.</i>
A abordagem não se transmite bem.	• <i>Não sensibilizar nem explicar bem os propósitos</i> que se querem alcançar e o caminho que se quer percorrer. • <i>Não se informa nem se forma continuamente.</i>
A determinação de manter o status quo, impede a aplicação das mudanças essenciais.	• <i>Ficar-se ancorados no passado, no "aqui sempre se fez assim".</i> • <i>Não vencer o medo nem a insegurança</i> perante as mudanças e o novo. Dar confiança e apoio.
Não se programam sistematicamente os ganhos a curto prazo e não se concretizam.	• <i>Não estabelecer etapas e objetivos a curto ou médio prazo</i> para ir visibilizando o avanço e os enganos que se devem evitar. • Não experimentar nem pôr em prática o acordado para avaliar a sua validade.
Canta-se vitória demasiado depressa.	• <i>Ficar-se pelos primeiros passos, na mera teoria e no implementar das mudanças e das melhorias.</i>
As mudanças não se enraízam na cultura da organização.	• <i>Que as mudanças não afetem</i> nem o Projeto Educativo do Centro, nem a vida dos cidadãos, nem as leis educativas locais e nacionais.



DICASTERIUM
DE CULTURA ET EDUCATIONE



GLOBAL COMPACT
QN EDUCATION

Aprender com os outros:

CONSTRUIR O PACTO EDUCATIVO A PARTIR DO TERRITÓRIO

A EXPERIÊNCIA DA REGIÃO NORTE DE SANTANDER (Colômbia)

Juan Antonio Ojeda (Coord.), Liliana Vergel, Nelson Otaya, Maria Cinque, Carina Rossa y Manuel J. Ceballos



Um livro que nos inspira e orienta na refundação de cidades ou regiões que educam através de uma aliança pela educação local com a abertura global.





S.E. Cardeal José Tolentino de Mendonça

Prefeito do Dicastério da Cultura e da Educação

Na mensagem que dirigimos no ano passado à Conferência de Brno (Chequia) **“A aldeia educativa global a partir da união das aldeias locais”**, dizíamos: “Terá de encontrar a forma original de construir a aldeia educativa local, sem copiar ou padronizar o seu contributo. Baseando-se na sua cultura, tradição, arte, valores, história, etc. descobrirá a sua “chama azul”, que é a sua forma criativa e única de ser educador e construtor do povo local, conforme o que Deus espera de vós. Então a aldeia educativa global não será uma homogeneização ou uniformização de todas as culturas (como o novo colonialismo mental), mas a união de muitas aldeias locais na riqueza da sua diversidade.”



Hervé Lecomte

Secretário Geral OIEC

Somos conscientes da grande dificuldade e complexidade necessária para construir um pacto para a educação mobilizando todas as pessoas, agentes e setores educativos e sociais da cidade, mas é urgente fazê-lo. Não devemos ficar sobrecarregados ou desanimados com esta tarefa. Pelo contrário, convidamos a tomar a iniciativa, a abrir as portas das vossas escolas e a sair ao encontro dos outros. Em primeiro lugar, proponho promover e encorajar a participação das vossas Comunidades Educativas; depois, a abrir-se à colaboração e ao trabalho conjunto com outras escolas ou instituições educativas (católicas ou não, públicas ou privadas); em terceiro lugar, com o município e com os vários grupos sociais. Urge construir um novo “nós”, **precisamos de “projetos comuns”** que nos permitam vislumbrar uma sociedade mais fraterna, um mundo mais humano, amigo, acolhedor, onde cuidemos uns dos outros e da casa que habitamos.



P. Pedro Aguado

Presidente da Comissão de Educação das UISG-USG

O projeto desenvolvido na Região Norte de Santander (Colômbia) é um belo exemplo do desafio de construir o Pacto Educativo Global a partir das várias entidades que dão vida a um determinado território. Trata-se de um processo bem pensado, conduzido com convicção, baseado num espírito de diálogo e de procura partilhada, que está a oferecer novas possibilidades educativas a todas as pessoas que vivem nesse departamento específico.

No meu serviço como Presidente da Comissão de Educação da União dos Superiores Gerais das Congregações Religiosas com um carisma educativo, pude constatar o esforço que as Congregações estão a fazer para trabalhar em rede e em conjunto. Nem sempre é fácil, mas é sempre bom. Testemunhei também como está a crescer entre as diferentes Congregações a convicção de que **devemos trabalhar com todos, abertos a todos, procurando os pontos que nos unem** e a partir dos quais, sem renunciar ao que nos identifica, podemos colaborar.

O livro desafia-nos; mostra-nos caminhos a seguir, passos a dar; fornece-nos múltiplas sugestões, ferramentas e orientações para tornar o pacto uma realidade onde vivemos, contando com todos, sem excluir ninguém. Envolvendo e mobilizando os diferentes setores educativos e sociais para gerar esta aliança local com abertura global.

A iniciativa política da Região Norte de Santander (Colômbia) de construir um Pacto Educativo para a região, envolvendo todos os cidadãos, inspira-nos e serve-nos de exemplo, não para copiar o seu percurso e opções, mas para criar os caminhos mais adequados e pertinentes para cada território. Tomemos a iniciativa e lideremos a construção do pacto onde vivemos, mudando a educação e, com ela, transformando a vida das pessoas e dos seus contextos para construir um mundo melhor para todos. Em seguida, apresentamos um esquema dos capítulos do livro:

ROTEIRO PARA CONSTRUIR O PACTO EDUCATIVO A PARTIR DO TERRITÓRIO



Etapas ou passos a serem dados para a construção o Pacto Territorial para a Educação.

ROTEIRO para a construção do PACTO EDUCATIVO a partir do TERRITÓRIO

Ao longo dos 15 capítulos do livro, que resumimos a seguir, encontram-se os fundamentos e as diferentes etapas ou ações que devem ser empreendidas para construir o pacto a partir do nível local, de cada bairro, cidade ou região. Neles encontrará o porquê, o quê e como construir, com a ajuda de todos os cidadãos, esta aliança local que nos permite co-criar uma nova educação que gera uma nova sociedade. Cada capítulo tem uma introdução-fundamentação, explica brevemente como a Região Norte de Santander o abordou, fornece orientações para a realização de tais ações nos diferentes contextos e, finalmente, identifica três atividades para facilitar o início da implementação de tais ações.

- 1. Por quê um Pacto para a Educação?** (Capítulos 1-3): Um pacto a partir do nível local, do território, da cultura e do ser de cada cidade. Sentir a necessidade de mudar, sentir a necessidade de fazer um pacto, sentir a necessidade de trabalhar em conjunto, com todos os setores educativos e sociais do município.
- 4. Conhecer a fundo este apelo**, capítulo 4, que nos chega a partir de várias instâncias locais, nacionais ou internacionais. As duas mais significativas são **a proposta do Papa Francisco e a da UNESCO**.
- 5. Quem promove e convoca o pacto.** A iniciativa pode partir de uma ou várias escolas, de autoridades municipais ou regionais, de agentes ou qualquer outro setor da sociedade local.
- 6. Propósitos ou metas que queremos alcançar com esta aliança.** É importante partilhar e chegar a acordo sobre os objetivos a alcançar através deste processo. À medida que avançamos na concretização deste processo, podemos encontrar alguns objetivos mais pertinentes e mais adequados à realidade social do contexto em que nos encontramos.
- 7. Sensibilizar e envolver a todos**, socializar o pacto para que todos percebam a sua necessidade e urgência e se empenhem na sua elaboração. É fácil dizer «com todos», mas é complexo e difícil de se conseguir.
- 8. Constituir uma “Equipe-Base” que lidere este projeto e defina**, com a colaboração de muitos, o Roteiro que se pretende seguir.
- 9. Conhecer o contexto**, a realidade atual, o ponto de partida, qual é o estado da educação na cidade ou região? que problemas se detetam? o que está a tornar-se obsoleto ou o que não responde às necessidades ou desafios atuais? Se o direito de todos à educação for cumprido, e se esta for de qualidade, equitativa e inclusiva, qual é a realidade social do município e a sua coesão?